

---

# A PRODUÇÃO LITERÁRIA DIRECIONADA A CRIANÇAS E JOVENS: HORIZONTES ÉTICOS E ESTÉTICOS NA NARRATIVA DE DUNGA RODRIGUES<sup>1</sup>

## LITERARY PRODUCTION FOCUSED ON CHILDREN AND YOUNG READERS: AESTHETIC AND ETHICAL HORIZONS IN DUNGA RODRIGUES' NARRATIVE

Renata Beatriz Brandespin Rolon<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo apresentamos parte da investigação acerca da produção literária direcionada a crianças e jovens em Mato Grosso. Objetivamos estabelecer reflexões a respeito da presença de elementos estéticos (textualidade, equacionalidade, diversidade) ou utilitários (referencialidade, funcionalidade e previsibilidade) no livro *Uma aventura em Mato Grosso* (1984), de Dunga Rodrigues, obra que inaugura a literatura infantojuvenil no estado, após a sua divisão, na década de 70.

**Abstract:** In this paper we present part of our research on the literary production focused on children and young readers in Mato Grosso State. We aim at reflecting on the presence of aesthetic features (textual features, equity, diversity) or utilitarian aspects (reference, functionality and predictability) in the book *Uma Aventura em Mato Grosso* (1984) written by Dunga Rodrigues, which inaugurates children's and juvenile literature in the state after its political division in the 70's.

**Palavras-chave:** Literatura infantojuvenil; Literatura produzida em Mato Grosso; Dimensão ética e estética.

**Keywords:** Children's and juvenile literature; Literature produced in Mato Grosso State; Aesthetic and ethical dimensions.

### Introdução

A literatura infantil e juvenil mato-grossense nasce dos múltiplos discursos e sentidos oriundos de movimentos que tentam consolidar a arte produzida no estado. Como uma jovem que passa pelo duro processo de amadurecimento, essa literatura procura se encontrar num movimento de valoriza-

---

<sup>1</sup> Texto adaptado da Tese de Doutorado da autora, intitulada *No fundo do mato virgem nasceu uma literatura: história e análise de obras direcionadas para crianças e jovens em Mato Grosso*, defendida em 2014, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em São Paulo.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA/UEA).

---

ção e ou desprendimento quando se propõe a apresentar elementos regionais. Isso nos permite dizer que muito do que se produz, tendo em vista o universo infantil, permanece num discurso regional saudosista que, em alguns casos, está calcado numa referencialidade discursiva.

Na trajetória apresentada neste artigo, buscaremos compreender o diálogo entre as práticas cotidianas culturais-locais e as oriundas de repertórios culturais diversos. Nesses termos, isso se refletirá em teias discursivas e imagéticas que transpõem os limites territoriais e, por isso, quando refletem sobre a identidade local, fazem-no sob várias identificações, dado que estas são múltiplas, imutáveis e se interpenetram.

### **Nas múltiplas trilhas**

Visualizar a fisionomia da literatura infantil e juvenil em Mato Grosso é olhar para o chão, para a terra. Lá estão as marcas que nos conduzem à compreensão do ontem e à projeção do amanhã. Por tudo isso, contar e (re)contar a história dessa produção configuram-se como tentativas de apagar as linhas que demarcam regiões. Acrescentam-se a essa preocupação a de tentar derrubar muros erguidos dentro do próprio país, os quais demarcam manifestações artísticas dando a umas e não a outras a possibilidade de reconhecimento crítico e valorativo (quando se faz presente). É permitir que o intercâmbio, o comparativismo, ainda que diante de um mesmo sistema, seja o fator primordial para reforçar o conhecimento e a compreensão da cultura brasileira.

Sobre a produção literária voltada para o público infantil e juvenil em todo o país faz-se necessário mapear, verificar, analisar e divulgar o que houve e o que há. Seu reconhecimento como expressão linguística simbólica e artística serviria para diminuir sua marginalização. Perceber as várias linguagens, imagens, símbolos e representações do eu e do mundo nas obras destinadas ao público infantil é o que poderá permitir uma leitura desprendida de (pre)conceitos e ignorância. Como todo e qualquer texto, quer seja considerado literário ou não, exige do leitor uma compreensão, aceitação ou mesmo recusa dos discursos, das imagens e das representações veiculadas nele.

A literatura destinada ao público infantil e juvenil passa por transformações. Os paradigmas tradicionais tornam-se emergentes e as obras se articulam considerando também a formação plural do povo brasileiro, sem perder o caminho que leva à arte. Nesse prisma, ao analisar obras que possuem paradigmas emergentes, que sofreram processo de adaptação, Gregorin (2010, p. 19) conclui que “basta um olhar mais atento a essas obras para verificar que elas são portadoras de uma estrutura profunda com temáticas que contêm valores humanos, já que os valores sobre os quais as sociedades são construídas não são infantis, adultos ou senis, são humanos e atemporais”.

## Quem conta um conto conhece *Uma aventura em Mato Grosso*

O marco do surgimento da literatura direcionada a crianças e jovens em Mato Grosso é a obra *Uma aventura em Mato Grosso* (1984), de Maria Benedita Deschamps Rodrigues, autora que ficou conhecida como Dunga Rodrigues. O livro traz uma estória que revela o cenário local, destacando a fauna e flora pantaneiras e toda a vida em sociedade. A narrativa começa com a viagem de duas crianças, Adriano e Fabiana, protagonistas da trama. A perspectiva do aventureiro toma a narrativa desde o início. A leitura revela-nos os personagens crianças que, curiosos e destemidos, não reprimem os seus impulsos e logo na primeira página saem à procura de novos horizontes. Parece ser simplesmente o instinto de descobrir, de experimentar que está nas crianças e nos leitores que irão, juntamente com eles, realizar a viagem.

Moradores de Santos, cidade litorânea, os protagonistas ouviam estórias sobre o estado de Mato Grosso e sobre a capital Cuiabá. As maravilhas do lugar são contadas pelo narrador que, desde o princípio, coloca-se como um contador de estórias. A narração, em primeira pessoa, elucida também o grau de participação e envolvimento na trama e nos acontecimentos, além de marcar a voz do contador do caso: “Quando eu lhes contava sobre a nossa cidade, sobre os rios Cuiabá e Coxipó, eles vibravam tanto, que decidiram visitar a nossa terra. Assim, conheceriam de perto os animais, os pássaros, as grandes árvores e os pés de fruta dos nossos quintais” (AMT<sup>3</sup>, p. 11).

O modo de narrar desperta nos pequenos ouvintes o desejo de visitar a desconhecida terra. Esse narrador que conta estórias caracteriza-se pela sua onipresença, pois está em todos os lugares, desde a partida da cidade de Santos até o momento do último passeio que as crianças farão a Cuiabá e cidades circunvizinhas. Torna-se impossível embrenhar nessa narrativa sem a sua presença. Ele demonstra ser profundo conhecedor do local. Seu conhecimento, experiência, emoções e sensações são fatores primordiais para conduzir os visitantes.

Benjamin (1994), ao pensar sobre a figura do narrador, afirma que a experiência de quem narra é primordial para a construção de uma narrativa. Para o teórico, a narrativa é “uma forma artesanal de comunicação, lugar onde o narrador imprime a sua marca”. (1994, p. 205). Desse modo, tendo atravessado experiências e aventuras várias, é ele quem pode relatar e transmitir o que considera ser necessário para a manutenção da memória coletiva. O narrador de *Uma aventura em Mato Grosso* possui um modo particular de perceber e contar sobre o universo que está a sua volta. As estórias reveladas a cada capítulo, 18 no total, não são senão uma parte sua; uma síntese das situações já vividas por ele. É um retrato de seu estado de alma, de suas lembranças e do desejo de transmitir ensinamentos. É também uma forma de recuperar ideais e valores alicerçados na cultura e alimentados no seio

<sup>3</sup> A partir de agora, passaremos a utilizar a sigla AMT para quando citarmos o livro *Uma aventura em Mato Grosso*.

de um inconsciente coletivo.

Em outra perspectiva, igualmente merece destaque a apresentação do livro – em que se revela um teor ufanista – feita pela Secretária de Educação e Cultura do Estado, à época de publicação (1984), Marina Müller de Abreu Lima Portocarrero. O discurso reforça o sentimento de apego e valorização do local, enaltecendo a arte e o trabalho. Consideramos oportuna sua citação:

A iniciativa de se publicar este livro da professora Maria Benedita Deschamps Rodrigues – Dunga Rodrigues – parte desta Secretaria com sentido de valorizar a nossa cultura revivendo hábitos de nosso cotidiano e guardando na memória histórica o *modus vivendi* cuiabano tão bem elucidado através desta ‘Aventura em Mato Grosso’ por Dunga, que conhece profundamente a nossa cidade e é um dos nossos expoentes culturais.

Pretende-se que outros trabalhos tão valiosos como este, venham a público para que se divulgue e preserve as nossas raízes culturais educando o nosso povo e nele inculcando o amor e respeito às nossas tradições (AMT, p. 09, grifos nossos).

Nesse mesmo contexto, também está a apresentação feita pela própria autora, Dunga Rodrigues. Construindo um “protocolo de leitura”, conforme o termo de Chartier (2009, p. 78), o livro é direcionado ao seu público-alvo e intenciona conduzi-lo de maneira eficaz à leitura correta. A autora assim se expressa:

[...] Achei que seria um modo de conhecerem Mato Grosso, naquilo que o nosso Estado apresenta, na essência do seu antigo viver social.

Se a idéia contribuir para despertar nas crianças o interesse por nossas coisas, sentir-me-ei plenamente gratificada (AMT, p. 08).

Em relação ao aspecto gráfico, informamos que a capa e as ilustrações são de Fernanda Lopes Hernández, artista de quem não encontramos registro e/ou menção de outros trabalhos. O livro, com 81 páginas, tamanho 16x25 cm, foi editado pelo setor gráfico da Prefeitura Municipal de Cuiabá. O projeto de diagramação não apresenta muitos recursos, no que tange a cores, texturas e formas. Em preto e branco, as imagens, de traços simples, lembram desenhos feitos por quem ainda está aprendendo o ofício. Tem-se a impressão que as imagens foram feitas por crianças e, por isso, não precisam

apresentar qualquer técnica ilustrativa. Esse procedimento leva-nos a pensar que os próprios personagens, que habitam a narrativa, também registram, por intermédio das imagens, sua estória.

Por outro ponto de vista, as ilustrações permitem-nos compreender a visão tida pelo adulto do universo da criança, fator que auxilia a identificação da ideologia de valorização do local e da total infantilização do ser presente na obra. Nesse aspecto, a estória contada ganha vida. A pouca expressividade das imagens, no entanto, não permite ao leitor a possibilidade de descobrir outros significados, além do que está posto na narrativa verbal.

Na leitura de *Uma aventura em Mato Grosso*, graças as façanhas vividas pelos personagens protagonistas, podemos acompanhar toda a descrição dos cenários e da movimentação local. Utilizando-se do discurso direto, o narrador registra as falas das crianças Fabiana e Adriano. Limitando-se a introduzi-las sem nenhuma interferência, deixa evidenciada a marca da oralidade e da pureza de sentimentos que tomam os diálogos.

Durante a viagem, os protagonistas chegam a uma aldeia indígena. Após serem bem recebidos pelos nativos, prosseguem com o seu roteiro, agora tendo como guia uma criança indígena da etnia Guató. No decorrer do trajeto, as crianças transitam por cidades à beira do rio e, sempre bem recebidos pelos habitantes do lugar, conhecem e participam das festividades do local. A hospitalidade do povo da região é sempre realçada. Os costumes e o linguajar das pessoas são tidos como símbolos da cultura local. As danças e as brincadeiras apresentam-se como recurso para a leitura lúdica do texto. A sonoridade presente torna-se aliada da comunicação verbal e remete o leitor infantil para o universo da linguagem lúdica e poética. As onomatopeias, as repetições e as rimas contidas na cantiga, a exemplo de outras que aparecem desde o início da estória, garantem a cadência e o ritmo dessa narrativa que recupera a tradição oral presente na literatura infantil brasileira. Nessa perspectiva, verificamos a transmissão de costumes e valores de bases culturais importantes, tendo a literatura como seu principal veículo.

Importa enfatizar a constância da viagem como temática. Não por acaso, a cada capítulo<sup>4</sup>, novos personagens se juntam a Adriano e Fabiana, e, como guias turísticos, detalham e descrevem as referências locais para os dois visitantes, assim como para o leitor da trama. O ato de desbravar e o enfoque às tradições, ao espaço geográfico e a todos os elementos históricos regionais presentes no texto são, sem dúvida, uma forma de valorizar o ambiente cultural e fomentar o sentimento de pertencimento ao lugar.

O intuito ideológico é acentuado. Os símbolos que reforçam o sentimento de pertencimento e

---

4 1 - A Partida; 2 - A Viagem de Trem; 3 - A Viagem Fluvial; 4 - Aproxima-se a Hora da Chegada; 5 - Um Passeio no Quintal; 6 - Banho no Rio Coxipó; 7 - Um Passeio à Serra da Chapada; 8 - Na Praia do Carrapicho; 9 - Passagem da Conceição; 10 - Visita de Passar do Dia; 11 - Andanças Pitorescas pelo Passado; 12 - A Figueira; 13 - O Chafariz do Mundéu; 14 - O Largo da Forca; 15 - A Procissão; 16 - O Cemitério do Cai-Cai; 17 - Festa de S. João; e 18 - Fotografias.

---

exaltam a paisagem são utilizados para a afirmação de uma identidade que quer ser reconhecida, procedimento que assinala a primeira obra direcionada ao público infantojuvenil em Mato Grosso. Nesse sentido, a narrativa de Dunga Rodrigues acentua a ideia de que esse estado pode ser visto como lugar ideal, de pessoas agradáveis, festeiras e hospitaleiras. A esse respeito, Lajolo e Zilberman (1985, p. 120) afirmam: “A alusão à atividade urbana acentua a idealização do campo, alçado à condição de paraíso perdido, mas reencontrado numa situação histórica idílica: férias ou expedições aventureiras”.

De modo geral, no enredo são enfatizados a culinária, a religião, as pessoas, as lendas e o folclore da região. No capítulo 9, por exemplo, intitulado “Passagem da Conceição”, os viajantes ficam sabendo das histórias que o povo conta. Segundo o narrador, os “entendidos” dizem que há na foz do rio Pari uma grande serpente, conhecida como Minhocão e que ela “de vez em quando sai de sua toca, fazendo um enorme ruído para assustar as lavadeiras, virar canoas, furar rede dos pescadores, cavar a barranca do rio e fazer outras maldades” (AMT, p. 45). Ainda nesse contexto, tanto o texto verbal quanto o não verbal explicitam a existência de outras personagens do imaginário local como o Negrinho D’Água, que gosta de fazer maldades com os pescadores e com os ribeirinhos. Uma das suas estripulias era “Dá susto nas moças que estão tomando banho no rio; às vezes, ele vai até a praia e esconde a roupa delas. [...] Ele ainda faz redemoinho para botar embarcação a pique, deixando em apuros os mais experimentados canoeiros” (AMT, p. 45).

Com relação à presença dos mitos na narrativa, lembramos que são universais e estão presentes em culturas antigas ou contemporâneas. Os mitos aquáticos, em especial a serpente, confundem-se com a origem dos rios. Por essa analogia, lembramos que Mato Grosso é cortado por importantes rios e possui considerável manancial. Não por acaso, o estado possui a maior planície alagada do Brasil: o Pantanal. No passado, a navegação pelo rio Cuiabá, um dos mais importantes da região, era a única alternativa de acesso e comunicação com outras partes do país. Em *Uma aventura em Mato Grosso*, o narrador conta: “[...] eles queriam repetir o mesmo roteiro que o cuiabano fazia antigamente, nas pitorescas passagens pelos rios Paraguai, S. Lourenço e rio Cuiabá, levando de sete a oito dias para chegarem ao destino” (AMT, p. 15).

Desse modo, particularmente, o contexto histórico e social da região do estado é fator que auxilia a criação e manutenção do mito da grande serpente aquática. Na verdade, a lenda do Minhocão é conhecida desde os tempos da colonização monçoeira<sup>5</sup>. Os viajantes que desciam o rio Tietê para conseguir chegar à distante terra informavam que os rios eram povoados por minhocões. É a partir daí que o rico imaginário ganha força e se materializa no contexto pantaneiro, possibilitando meios de familiaridade e assimilação com a natureza local.

---

5 A descoberta de ouro na região do rio Cuiabá estabeleceu uma rota comercial entre aquela região aurífera e a capitania de São Paulo, de onde tinha saído a maioria dos descobridores das minas no Oeste. Essa rota comercial, longa e penosa, com duração de cerca de quatro meses em cada sentido, ficaria conhecida como “monções” e tinha como ponto de partida a cidade de Porto Feliz, em São Paulo, e de chegada à vila de Cuiabá.

---

No período da colonização, vários cronistas, entre eles Pe. Anchieta e Frei Vicente do Salvador, relataram a presença de monstros nas águas dos rios do Brasil e registraram a crença e o medo dos índios diante desses seres. No século XIX, as crônicas de Visconde de Taunay e Sant-Hilaire revelaram histórias dos personagens mitológicos que habitavam os rios em Mato Grosso. O Negrinho d'água, uma versão aquática do Saci, e o Minhocão são alguns desses mitos registrados pelos cronistas, que permaneceram nos relatos de autores e historiadores mato-grossenses do século XX.

No livro de Dunga Rodrigues, as crianças que visitam o estado ouvem estórias sobre o Negrinho d'água e temem encontrá-lo. Na narrativa em análise, o espaço natural local, a fauna e a flora pantaneira confundem-se com o imaginário, com as lendas que sobrevivem a todo o processo de desenvolvimento da região. A aventura vivida pelas crianças protagonistas é uma metáfora exemplar para os próximos leitores. Nesse relato ficcional, fica registrado o ensinamento para as gerações futuras. Parece ser imprescindível manter viva a cultura do lugar, de se reafirmar a necessária relação entre homem e natureza, entre história e imaginário. Embalados na proeza daqueles que pretendem deixar seu nome na formação de uma literatura que capta novas e velhas crenças, revela tipos, narra os movimentos da cultura, as conquistas e os impasses, destaca-se a autora Dunga Rodrigues. Ao definir o roteiro que o seu leitor deve seguir, ela estabelece os traços culturais que compõem o imaginário e a identidade que marcam essa paisagem.

Merece destaque a passagem em que se relata a visita de Monteiro Lobato a Mato Grosso. Nela, estão registrados os espaços percorridos pelo famoso escritor. Na narrativa, um dos personagens, morador da região, conta aos meninos viajantes que Lobato veio até à comunidade do Pari a fim de comprovar a existência de petróleo em terras mato-grossense. Convém observar que Lobato dedicou dez anos de sua vida à Campanha Nacional do Petróleo, percorrendo o país fazendo conferências e palestras sobre a existência de petróleo em solo brasileiro e defendia a ideia de que a exploração tinha de ser feita por brasileiros, pois, assim, o país se tornaria rico e desenvolvido.

Nas pesquisas de Leite (1997) constam que Lobato chega a Mato Grosso, precisamente em Cuiabá, em novembro de 1936. Poucas pessoas, entretanto, mesmo no estado, sabem ou se lembram desse fato. Nos escassos registros oficiais de sua passagem, tomamos conhecimento de uma entrevista para o jornal *O Matto Grosso*<sup>6</sup>, outras informações vêm de relatos, das lembranças dos mais velhos, confirma o pesquisador.

Monteiro Lobato acreditava que existia petróleo no estado. Ele se apoiava no fato de que a constituição geológica dos países vizinhos (Venezuela, Colômbia, Equador e Bolívia), que “perfuraram” e encontraram petróleo, era a mesma do solo mato-grossense. Segundo ele, em “O Escândalo do Petróleo”, artigo de 1936, por mais petróleo que houvesse em Alagoas, no Amazonas, no Pará ou em

---

<sup>6</sup> “A campanha do petroleo”. *O Matto Grosso*. Cuiabá, 20 de novembro de 1936.

---

Santa Catarina não passava de “café pequeno diante do formidável lago de petróleo em que se assenta Mato grosso” (LOBATO, 1936 apud LEITE, 1997).

Em entrevista concedida ao jornal *O Matto Grosso* (1936), Lobato acentua que a região “espanará o mundo com uma expansão econômica proporcional ao seu imenso território”, [...] “obstáculo nenhum para que Mato Grosso venha a ser o substituto da Standard Oil e da Royal Dutch no fornecimento de toda gasolina, óleo lubrificante, óleo combustível e querosene que o Brasil consome”<sup>7</sup>. Porém, todas as expectativas que sustentavam a campanha do petróleo em terras mato-grossense não se concretizaram. Lobato fez verificação *in loco*, às margens do rio Cuiabá, na região denominada Pari e ouviu histórias dos moradores do local. Eles contaram que nas praias adjacentes era possível, fazendo um buraco na areia, obter-se fogo, esquentar café e até mesmo cozinhar. Outra história era a de que nas águas do lugar viveria um monstro, em forma de serpente: o Minhocão. Para os moradores, esse animal seria capaz de provocar enorme rebojo, um grande barulho, trazendo à tona todas as sujeiras do fundo do rio e, quando o Minhocão se acalmava, era possível ver seu escuro dorso na superfície da água. Após observações e análises, Monteiro Lobato concluiu que o calor que saía da areia era na verdade um gás chamado metano. Cientificamente, a ocorrência desse fenômeno pode ser explicada: o gás ao sair da água provocava a movimentação e barulho que os ribeirinhos viam e ouviam.

A história envolvendo o autor Monteiro Lobato e a sua busca pelo petróleo em terras mato-grossense é percebida no plano dialógico no conto de Dunga Rodrigues. Segundo as afirmações de Bakhtin (2008, p. 119), o dialogismo “é marcado não só pela interlocução direta com o outro, em determinada situação, mas pela interlocução com o próprio repertório de determinada comunidade semiótica”. Ou seja, na narrativa em análise, presenciamos uma amostragem das variadas formas de interlocução socialmente organizadas, representativas de dinâmicas que recuperam parte da cultura e da história do estado. Na verdade, desde o início de *Uma aventura em Mato Grosso*, os fatos temáticos e linguístico-discursivos como lendas, cantigas, mitos, ditos populares e fatos históricos, são revelados em tempos e espaços dispersos, promovendo um movimento de retomada e alusão ao patrimônio cultural local.

A continuidade do diálogo intertextual, através da retomada de mitos e lendas do folclore, prossegue no capítulo 12, intitulado “A Figueira”. Importante pontuar que o episódio narrado retoma um momento em que era comum a contação de histórias. O narrador esclarece: “Desta vez, quem contou a história da Figueira foram Cíntia e Marcos” (AMT, p. 60), explicando que há outras vozes de contadores ajudando-lhe no seu ofício. Ao trazer uma história, o narrador-contador possibilita o aparecimento de uma outra voz. Ao contar, ao comunicar fatos, como os ocorridos em frente ou embaixo da

---

<sup>7</sup> Conforme encontramos em Leite (1997), as citações são parte da entrevista de Monteiro Lobato ao jornal da capital do estado, concedida em 1936.



figueira, outra narrativa surge, outra estória é arquitetada, perfazendo um caminho que é sua própria construção. O recurso metalinguístico vem à tona, numa clara referência a uma linguagem anterior. A esse respeito Chalhub (2001, p. 52) afirma: “metalinguagem é sempre um processo relacional entre linguagens (e) tratando-se de literatura haverá sempre esse diálogo intertextual”. A partir desse procedimento, têm-se possibilidade e espaço para a materialização de antigos discursos, de crenças e de mistérios que povoam o imaginário.

Contudo, em meio a todo esse processo de retomadas, modos e características que apontam para um novo fazer artístico, para um fazer literário que busca o elemento estético, encontramos, ainda, a manutenção do ensinamento, da moral religiosa, dos bons costumes e do utilitário. Confirmamos, com base nas investigações de Mendes<sup>8</sup> (1994) que em *Uma aventura em Mato Grosso* a narrativa ergue-se por tessituras que mesclam fantasia, imaginação, ideologias, intenções e ensinamentos, fixando-se, então, na faixa intermediária entre os polos A e B, em que há a copresença de ambos.

A estória materializa-se pelo seu caráter ficcional, mas o real, o utilitário da informação, permanece presente. Há momentos em que ocorre a incidência do caráter ético, fator que mantém a missão dessa literatura. Desde o início da narrativa, ponto de partida para a aventura dos protagonistas, o real e o informativo sobre a viagem intercalam-se ao imprevisível, ao inusitado, ao inventivo, em um pêndulo que às vezes deixa a faixa intermediária e permanece na dominante do utilitário. Ainda que o inusitado e o imprevisível se apresentem ao longo da narrativa de Dunga Rodrigues, eles vêm acompanhados de traços de referencialidade, funcionalidade, previsibilidade e identificação, dando um caráter mais utilitário a essa literatura, como adverte Mendes (1994). Modos de comportamento são explicitados ao leitor, que tem nos personagens crianças o exemplo a ser seguido.

Avaliando essas passagens, ratificamos a continuidade, a intencionalidade da abordagem a assuntos e valores considerados interessantes e necessários à formação da criança e do jovem. Na narrativa de Dunga Rodrigues, a inclusão de personagens, cenários e situações ligadas ao quimérico, ao inventivo e à fantasia, parecem querer garantir o caráter mais artístico e menos utilitário da obra, de maneira a tornar a leitura mais agradável para a criança, todavia essas invenções são estratégias para ensinar e cumprir a finalidade pedagógica ainda vigente nas letras direcionadas a esse público em Mato Grosso.

No conto, há a permanência de um discurso que, em muitos momentos, idealiza o local, seja do ponto de vista científico, como a história da companhia de petróleo, seja do mito. A relação cotidiana com a paisagem é reelaborada para tecer os fios das narrativas de autores, como Dunga Rodrigues, que intenciona revelar e exaltar o lugar do qual está falando. A apropriação desses discursos serve

8 Temos como pressupostos teóricos a pesquisa da profa. Maria dos Prazeres Santos Mendes (USP). Ela aborda o conceito estético pelo viés da crítica genética, buscando redimensionar a leitura teórico-crítica das obras de literatura infantil e juvenil de Monteiro Lobato, Clarice Lispector e Lígia Bojunga. Nas análises das produções desses autores, têm-se a dimensão da incidência do caráter estético em pêndulo com o caráter utilitário, a partir do exame dos processos de criação.

---

para que se estabeleça com a comunidade, com os mitos e com as lendas uma mesma unidade, que realiza e permanece na memória e no sentimento de pertencimento. Desse modo, o texto passa a ser visto como meio para veiculação de valores sociais e de identificação. Nesse liame entre a dimensão ética e estética, percebemos em primeiro plano, nessas letras primeiras, o predomínio do movimento de construção ou reconstrução da sociedade na qual o seu autor está inserido. As marcas deixadas nessas narrativas são o resultado entre os mecanismos de produção e a relação do artista com aquilo que está a sua volta. Por isso, ressaltamos o caráter mais utilitário (referencialidade, funcionalidade, previsibilidade), que ora cria uma relação de complementaridade, ora se sobrepõe ao menos utilitário (textualidade, equacionalidade, diversidade) (MENDES, 1994).

No livro que inaugura a produção direcionada às crianças e jovens em Mato Grosso, a palavra imprime forte consciência dos valores locais, orgulhosa de afirmação e reconhecimento desses valores. Nesse contexto, a obra de Dunga Rodrigues serve como exemplo da necessidade de os autores, que produzem fora dos grandes centros, contarem como se deu a formação de seus estados, de revelarem e afirmarem suas culturas, processo necessário para formação do campo literário.

Essa narrativa é um campo fértil para reafirmar traços da identidade, do imaginário e das vozes locais. Ao mesmo tempo, funciona como elemento capaz de preencher os vazios da memória coletiva, além de materializar a autoafirmação de quem precisa provar sua identidade cultural diante do campo instituído. Em uma tentativa de afirmação face ao atraso e distanciamento das áreas centrais do país, o enredo servirá de referência temática e formal para produções posteriores. De algum modo, afirmamos que também será útil para uma revisão desse processo de produção.

## **Considerações finais**

Contar um pouco da história da literatura infantil e juvenil produzida em Mato Grosso, após a divisão do estado, possibilita revelar informações acerca da formação do campo literário, de rastrear a gênese e o desenvolvimento de uma literatura nascida longe dos eixos urbanos centralizados. Nesse sentido, importa focar os dados histórico-culturais e artísticos que, direta ou indiretamente, atuaram na sua criação.

Analisamos o primeiro livro publicado no estado, onde a figura da criança, as representações da infância, se fazem presentes. A investigação revelou as nuances do projeto estético/ideológico da autora Dunga Rodrigues. Na constituição dessa abordagem, tivemos como pressupostos teóricos a importante pesquisa de Mendes (1994, p. 13-14), no que tange à verificação da dimensão ética, que daria conta da dominante utilitária do texto infantojuvenil, visto como meio para veiculação de valores, ou da dimensão estética, cuja dominante seria a função artística, – informação icônica – o que

implicaria em poeticidade do texto, que passa a informar sobre a sua própria configuração sensível, apontando para um uso correlato, isto é, criador, inventivo, operando a nível das associações por semelhança.

Na obra *Uma aventura em Mato Grosso* (1984), as tendências, os temas, a linguagem e formas que a moldaram foram averiguadas criticamente, confirmando a manutenção do ensinamento, da moral, dos bons costumes e da linguagem referencial. A narrativa de Dunga Rodrigues, erguida por tessituras que mesclam fantasia, imaginação, ideologias, intenções e ensinamentos, fica numa faixa intermediária entre o nível utilitário e o estético, quase numa mesma proporção e por isso não podemos mencionar esta ou aquela dominante, mas a copresença de ambas, criando uma relação de complementaridade.

De certo modo, nesse texto fundador, era necessário fixar as particularidades, preservar uma memória cultural e moldar comportamentos. O momento foi o de busca e manutenção de símbolos regionais/locais no intuito de garantir a legitimação do fazer literário.

No livro analisado, o valor dado às coisas da terra foi um aspecto muito considerado, mantendo então uma vertente mais tradicional, com inquestionável valor histórico. Nesse contexto, a tarefa crítica e analítica, quando colocada em prática, dá visibilidade a outros nomes, a outros sistemas literários, ação fundamental para a revisão e ampliação da história da literatura infantojuvenil brasileira.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 192-221. (Obras Escolhidas, v. 1).
- CHALHUB, Samira. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 2001.
- CHARTIER, Roger. (org.) *Práticas da leitura*. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1985.
- LEITE, Mário Cezar Silva. O sonho do petróleo e a serpente das águas cuiabanas: Lobato e o Minhocão. In: *Polifonia*, Cuiabá: EdUFMT (03): p. 98-122, 1997.

---

MENDES, Maria dos Prazeres dos Santos. Monteiro Lobato, Clarice Lispector e Lygia Bojunga Nunes: o estético em diálogo na literatura infanto-juvenil. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Comunicação e Semiótica, PUC, São Paulo, 1994.

RODRIGUES, Dunga. Uma aventura em Mato Grosso. Il. Fernanda Lopes Hernández. Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 1984.